

Isabel Capeloa Gil

**A Universidade como Espaço de Encontro:
Certezas, Rupturas e Desafios**
Dia da Universidade Católica
3-2-2017

A Universidade Católica Portuguesa escolheu para lema do seu Dia Nacional, no ano em que inicia as celebrações do cinquentenário, ‘Construir a Cultura do Encontro’. Inspiramo-nos, desde logo, na centralidade da ideia de encontro do Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Num mundo marcado pela ruptura e pelo dissenso, queremos assinalar a radicalidade do pensamento dialógico como momento essencial para o desenvolvimento das sociedades, dos indivíduos, e para o progresso do conhecimento. Uma cultura de encontro rejeita os limites estreitos do individualismo, sem desprezar, contudo, o cultivo da autonomia, afirma os valores do bem comum e da comunidade, sem abdicar da dignidade individual, afirma a universalidade do diálogo, o direito à circulação do saber, mas também das pessoas, dos bens, das ideias, da informação. A universidade é uma instituição nodal para a afirmação de um modelo de sociedade fundado no encontro, no diálogo, no reconhecimento da diferença como estratégia essencial para a criação de valor cultural, social, económico, político.

A experiência do encontro está por isso muito presente na missão da Universidade Católica Portuguesa. Tal acontece, porque se define como espaço de encontro transversal de saberes que mutuamente se iluminam, e das suas culturas próprias. Mas também no entendimento de que a produção do conhecimento no século XXI não se faz em silos, mas está presente nos vários sectores de atividade económica e na experiência social. A complexidade do presente, mas também a necessidade de afirmação e competição da ciência que produzimos em *fora* globais, exige a prossecução de práticas colaborativas, entre pessoas, universidades nacionais e estrangeiras, organizações, países. A cultura colaborativa em ciência que assumimos constitui igualmente um incentivo à participação,

onde os centros regionais se ouçam entre si, onde os investigadores e os professores tenham voz. E que estas vozes tenham reflexo na gestão da universidade. Justamente por entender que a ressonância da voz da universidade será maior se internamente a comunidade académica souber ter voz, a equipa reitoral reuniu e auscultou no primeiro mês, após a tomada de posse no final de outubro de 2016, as direções, docentes e também estudantes das 14 unidades académicas e 4 institutos, estando em curso reuniões sectoriais com as 13 unidades acreditadas de I&D. A força da voz da UCP radica no reforço das suas vozes, no assumir estratégico de uma cultura da colaboração, onde as dinâmicas de inclusão e de participação sejam a prática efetiva, que sustenta um programa ambicioso de transformação vertido nas três missões da universidade: investigação, ensino e serviço à comunidade. Assumimo-nos como espaço de diálogo com a comunidade a nível local, regional, nacional, mas também com o mundo, colaborando com mais de 800 universidades na Europa, América do Norte e do Sul, África, Ásia e Oceania e recebendo alunos internacionais de 89 nacionalidades, conscientes de que o cultivo da qualidade académica não se esgota no reforço de quaisquer fronteiras, mas na sua superação.

No nosso tempo, a ideia de universidade, para citar a conhecida designação da obra do Cardeal Henry Newman (1858), não se resume mais à exclusiva preservação do saber e do *ethos* da tradição, e tão pouco se limita a cultivar uma atitude de ‘aristocracia do espírito’, como defendeu o sociólogo Max Weber no ensaio seminal ‘A Ciência como Vocação’ (*Wissenschaft als Beruf*), em 1918. É certo que Weber reagia às contingências da pós-catástrofe da Grande Guerra, defendendo uma ideia de universidade como reduto último da preservação dos valores do humanismo. Na ótica de Weber, o docente universitário, o investigador, segue uma ‘vocação secular’, um chamamento superior dirigido a um grupo muito restrito e que obriga a uma dedicação e disciplina monásticas. A ciência como vocação exerce-se no mundo, mas fora dos constrangimentos e das rotinas desse mesmo mundo. *Mutatis mutandis*, quase 100 anos mais tarde, em 2013, o biólogo de Harvard, Edward

Wilson, que disseminou o conceito de biodiversidade, defendeu uma ideia de universidade de investigação que continua muita próxima da noção de Weber. Em *Letters to a Young Scientist*, o seu legado aos jovens cientistas, incentiva-os a evitar acrescidas responsabilidades administrativas, em nome da vocação científica: “Make excuses, dodge, plead, trade. [...]” E acrescenta: “Take no vacations. Real scientists do not take vacations. They take field trips or temporary research fellowships in other institutions.” (Wilson, 2013:81)

Mais do que um ato de resistência às transformações organizacionais da universidade - até porque defende um horário semanal de trabalho de 60 horas, dividindo-se por 40 horas de ensino e serviço e 20 de investigação - o idealismo de Wilson reflete a exigência da carreira e de um *ethos* académico que centra na investigação a essência da missão universitária, mas peca por um anacrónico solipsismo. Na universidade de hoje, a ‘vocação secular’ da carreira exerce-se, necessariamente, em relação com o mundo, num entendimento do conhecimento como serviço e em relação com os problemas reais do mercado e da sociedade, mas exercido em liberdade e sem constrangimentos políticos ou económicos.

Armazenar, processar, transmitir saber, ou dito de outra forma, preservar a memória e a tradição, investigar e produzir conhecimento relevante para o avanço das sociedades e divulgá-lo, intervindo nos espaços públicos de discussão, avaliando impactos, contribuindo para o desenvolvimento de políticas, sem descurar a monitorização crítica, constituem, assim, funções essenciais da universidade do século XXI.

Ao longo dos seus 50 anos de existência, desde a instituição através do Decreto *Lusitanorum nobilissima gens*, de 13 de outubro de 1967, a Universidade Católica Portuguesa tem sabido afirmar nacional e internacionalmente um prestígio académico e social fundado num trabalho efetivo de rigor no ensino e na investigação, praticado num horizonte de serviço ao país, às empresas, à sociedade. Orgulhamo-nos de criar valor com valores. Por isso, as atividades que marcarão o aniversário dos 50 anos da universidade terão um carácter naturalmente celebratório, mas também avaliativo. A visão de transformação da

universidade e o abraçar do futuro e dos seus inevitáveis riscos só poderão fazer-se com um diagnóstico robusto do presente, mas também do passado e do contributo estratégico da UCP para o desenvolvimento de Portugal. Para tal, serão apresentados em 2017 dois estudos fundamentais: a História da Universidade Católica Portuguesa, coordenada e dirigida pelo Prof. Dr. Manuel Braga da Cruz, por um lado; e, por outro, o estudo de impacto *Católica 50*, encomendado ao CESOP sobre o contributo efetivo da UCP para a criação de riqueza em Portugal. Queremos quantificar o valor, estando seguros dos nossos valores.

Mas porque o impacto do trabalho da universidade se gere hoje necessariamente num horizonte global, é particularmente relevante assinalar o convite feito à Universidade Católica para integrar, desde dezembro, como única universidade portuguesa, o prestigiado GFCC - Global Federation of Competitiveness Councils, uma rede global de conselhos de competitividade, que integra como parceiros universitários, além da UCP, a Universidade de Georgetown, Imperial College London, U. Warwick. A projeção internacional das nossas escolas, programas e investigação continua a refletir solidamente a qualidade da Universidade.

Assim, a Faculdade de Teologia foi convidada para integrar como membro fundador a Academia Europeia para o Estudo da Religião, instituída a 5 de dezembro em Bolonha, sob o alto patrocínio da Comissão Europeia, refletindo a necessária projeção internacional do pensamento teológico feito na UCP. Pelo 7º ano consecutivo, a Global School of Law figura entre as mais inovadoras escolas de Direito avaliadas pelo Financial Times, integrando o único programa português listado entre os 100 melhores LLM's do mundo. Ainda no prestigiado ranking do FT, a Católica Lisbon School of Business and Economics continua a ser a escola líder em Portugal, atingindo a posição 23 a nível europeu, e figurando no lugar 19, na educação de executivos. A Católica Porto Business School, por sua vez, conseguiu a acreditação internacional da EQUIS, afirmando-se como a escola de negócios com maior número de creditações internacionais na zona Norte de Portugal. E noutros programas, o Mestrado em Estudos de Cultura - The Lisbon Consortium, da Faculdade

de Ciências Humanas continua a ser considerado entre os 3 melhores cursos de Mestrado a nível global na categoria de Gestão das Artes.

Apesar de se mover num contexto adverso, no que ao financiamento da investigação, e também da prestação de serviços diz respeito, fruto da crise quase endémica da nossa economia, mas também das limitações do financiamento público, a UCP, sem apoio estatal à sua operação, cresceu. Cresceu na captação de alunos, cerca de 5% em 1º e 2º ciclos, com um assinalável desenvolvimento ao nível de estudantes internacionais. Neste campo destacam-se sobretudo os cursos de 2º ciclo lecionados em inglês, em particular Gestão, Estudos de Cultura e Ciência Política, com uma variação global de 21% relativamente a 2015.

Mas cresceu também no acesso a financiamento competitivo de investigação, com um aumento de 22,5%, com destaque para a área de biotecnologia e agro-alimentar, fruto de projetos aprovados no âmbito do programa Norte 2020, de 8 novos projetos de co-promoção coordenados pela ANI, e 2 projetos H2020. Assinala-se também um crescimento do financiamento de investigação nas áreas de Gestão e Economia, através do CUBE, e bem assim o desenvolvimento da investigação em Saúde, tanto fundamental como experimental, através do CIIS e do seu laboratório SalivaTech, o laboratório de investigação interdisciplinar em saliva, apoiado por financiamento público da FCT, e privado da BIAL.

Perante a complexidade das grandes questões e os desafios sociais com que se debate a contemporaneidade, o desenvolvimento do conhecimento não pode ser feito em silos disciplinares ou institucionais. A cultura do encontro exerce-se também neste contexto, não só pela necessária articulação de competências distintas em equipas pluridisciplinares, mas também pela necessidade de articular as unidades de I&D da universidade com as divisões de conhecimento das empresas e bem assim possibilitar a diversificação das fontes de financiamento. A criação do European Bioproducts Research Institute no Centro Regional do Porto, como nova unidade de transferência de conhecimento para a área dos bioprodutos é já o resultado do contrato de confiança estabelecido com a empresa americana Amyris, que instalará no novo

edifício da Escola Superior de Biotecnologia a sua plataforma europeia para o desenvolvimento de bioprodutos, com um investimento vertido em emprego científico, equipamento e capacitação.

A UCP tem sabido desenvolver com segurança parcerias estratégicas com instituições não-académicas, numa lógica colaborativa, com expressão em todos os sectores de investigação da universidade. A título representativo das 637 parcerias para o conhecimento, saliento a o acordo estratégico para investigação e formação entre a área de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas e a RTP, o modelo colaborativo The Lisbon Consortium no campo das indústrias criativas, que junta 8 Instituições Culturais de Lisboa (FCG, Culturgest, Fund.Oriente, CNCultura, Cinemateca, Museu Nacional do Teatro e da Dança, Oceanário) a CMLisboa e a FCH (Faculdade de Ciências Humanas), as alianças de conhecimento empresariais na área da economia da saúde, como o projeto Patient Innovation da CLSBE, e o futuro Laboratório de Health Data Analytics, e, noutras áreas, o Centro de Arbitragem da Faculdade de Direito, a parceria com a OTAN no campo da cibersegurança, além de muitas outras parcerias de inovação e apoio à aceleração nos 4 centros da universidade, de Braga, ao Porto, Viseu e Lisboa, que o tempo e o limite de paciência da minha ilustre audiência me impedem de enumerar. Resumindo, cumprimos, com confiança, 50 anos de transferência de conhecimento, 50 anos de internacionalização, 50 anos de qualidade no ensino e investigação. E ambicionamos muito mais.

Inovar, renovar a fronteira do conhecimento, com um projeto sistémico e de grande ambição para Portugal, perfila-se como horizonte das quatro iniciativas estratégicas enunciadas para o mandato e que recorro (Católica 4.0; Católica Investigação e Inovação; Católica Talentos; Campus-Cultura). Elas integram um programa realista, necessariamente exercido num horizonte de sustentabilidade, mas de grande fôlego com três eixos essenciais: infraestruturas, pessoas e projetos, inovação e competitividade, que se alicerçam no programa geral para os 4 centros da universidade, designado Católica XXI e que será desenvolvido e apresentado no ano em curso.

Mas a ambição de futuro não pode deixar de olhar o passado, recordar porque somos como somos, ter memória. Armazenar, processar, transmitir, não são processos sem pessoas. No dia da universidade é por isso importante recordar as pessoas que a construíram. E desde logo, os que nos deixaram, o Prof. Xavier Pintado, eminente vulto da Economia portuguesa, diretor da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais, Vice-Reitor, construtor do nosso futuro. Recordo ainda o Prof. Daniel Serrão, figura instrumental do crescimento do Centro Regional do Porto e sobretudo do Instituto de Bioética, o Prof. Mário Lages, eminente Sociólogo e figura determinante para o desenvolvimento do CESOP e da área de Serviço Social na Universidade Católica, o Dr. António Barbosa de Melo, Presidente da Sociedade Científica da Universidade Católica, e ainda o Pe Caxadinha, Secretário da Faculdade de Teologia em Braga, dedicado à UCP até ao seu último fôlego, tal como a colaboradora Angelina Lourenço, que partiu nos últimos dias do ano, no exercício das suas funções de cuidadora na capela da universidade em Lisboa, entre muitos outros que neles recordamos.

Na UCP, acreditamos que uma instituição forte é a que honra os que a apoiaram. *Ab initio*, os fundadores da UCP plasmaram nos seus Estatutos, a capacidade de o Conselho Superior da Universidade atribuir, sob proposta do Reitor, o título de benemérito, aqueles que hajam prestado à universidade significativo apoio ou serviço. O Sr. Magno Chanceler da Universidade, Sr. D. Manuel Clemente, a quem agradeço a atenção e o enorme cuidado com que acompanha a gestão da coisa académica na UCP, entregará hoje o título e a Medalha de Benemérito a três personalidades a quem tenho o privilégio de demonstrar o enorme reconhecimento da Universidade Católica Portuguesa.

Ao Sr. Alexandre Soares dos Santos, empresário eminente, católico reconhecido, amigo da Universidade Católica, tenho a honra de agradecer um apoio sistemático, consistente, permanente, exercido quer em termos pessoais como através da empresa Jerónimo Martins. Um apoio que tem sido determinante para a capacitação da universidade, no apoio a projetos específicos de formação e investigação, na área de economia e gestão, mas

também de direito e ciência política. Este apoio generoso permitiu em muitos momentos o avanço competitivo da UCP. Recordo, de forma singular, que no princípio dos anos 90, foi à Jerónimo Martins que se deveu a construção e equipamento integral do primeiro estúdio de audiovisuais da UCP, ligado à formação em gestão e economia na FCEE. Nesses tempos, a presença do Sr. Soares dos Santos no Conselho Superior da Universidade e a sua voz crítica foi determinante das políticas de desenvolvimento da instituição. Mais tarde voltou a servir a universidade, aceitando fazer parte do Conselho Estratégico da Faculdade de Direito. A sua visão sobre o papel decisivo da educação para o desenvolvimento do país, e a vontade de contribuir para a igualdade de oportunidades na educação está ainda plasmada no generoso programa de bolsas de estudo Elísio Alexandre Soares dos Santos, apoiando estudantes carenciados, candidatos ao primeiro ciclo na CLSBE e na Faculdade de Direito. Numa universidade que valoriza as pessoas, o apoio de um doador comprometido com a promoção da equidade e da justiça social constitui um contributo exemplar, que aqui reconhecidamente agradeço.

O Pe Bacelar de Oliveira, primeiro Reitor da Universidade Católica, referiu-se em mais do que uma ocasião ao Eng. António Maria Pinheiro Torres como “um dos melhores benfeitores da UCP” (1970), ou “um dos [seus] maiores e mais fiéis beneméritos” (1987). Na fase de consolidação da universidade, apoiou sistematicamente e com generosidade os projetos de desenvolvimento infraestrutural, acreditando no projeto de Igreja que universidade é. Além de doações pessoais, foi um mobilizador de várias empresas para apoiar a UCP nos tempos difíceis da construção dos seus primeiros edifícios e da Biblioteca João Paulo II. Pertenceu ao grupo de trabalho que, em 1978, estudou o lançamento da Associação para o Desenvolvimento da UCP, e reuniu verbas para o edifício escolar inaugurado em 1 de Junho de 1979. Foi também dos fundadores da Obra de Cooperadores e Amigos da UCP, criada pelo P. Bacelar em 1981, para a campanha de angariação de fundos indispensáveis à construção do edifício da Biblioteca. Deu igualmente apoio para o desenvolvimento do

campus de Sintra e bem assim para as obras de recuperação do atual Auditório Padre Bacelar e Oliveira, antigo A1. É uma enorme honra poder fazer-me voz dos Reitores que me antecederam para agradecer ao Eng. Pinheiro Torres a abnegada dedicação e apoio e poder expressar-lhe o reconhecimento pelo labor que fez com que hoje possamos sentir-nos uma grande universidade.

O terceiro agraciado de hoje é reconhecido a título póstumo. O Eng. Joaquim Silva Torres foi um amigo da universidade, sensível à nobreza do desiderato expresso no decreto de ereção da UCP, em 1967, de contribuir para ‘ensinar a verdade perene’ e bem assim constituir-se como instituição de serviço à Igreja e ao país. Foi sobretudo sensível à necessidade de apoiar a formação eclesialística de excelência no contexto de Faculdade de Teologia, tendo criado o Fundo Sagrada Família. Este Fundo, de particular relevo no apoio aos estudantes e à Faculdade de Teologia, ajuda-nos a prosseguir a nossa missão, contribuindo para o apoio da UCP a estudantes carenciados e ao desejo de crescer na construção de uma universidade cada vez mais inclusiva e solidária. À família Silva Torres deixo o reconhecimento da universidade, nesta ocasião que é também de ação de graças pela vida do Eng. Silva Torres e pela dedicação empenhada à UCP.

O Dia da Universidade Católica celebra também os seus colaboradores, membros essenciais de uma comunidade académica orgânica, e a quem deixo o agradecimento pelo profissionalismo e a dedicação ao longo dos últimos 25 anos, ousando pedir a continuada motivação essencial ao momento de transformação que vivemos.

Na cerimónia de hoje, recebem ainda o seu diploma doutoral os novos Doutores pela UCP. Em 2016, a universidade diplomou 75 novos doutores, nas áreas de Bioética, Biotecnologia, Ciências da Comunicação, Ciência Política, Ciências da Saúde, Ciência e Tecnologia das Artes, Direito, Educação, Enfermagem, Estudos de Cultura, Estudos Europeus, Filosofia, Serviço Social e Teologia. A educação doutoral constitui a vanguarda do modelo de investigação e também de inovação desenvolvido pela universidade, é por isso que o ato de entrega do diploma doutoral se

faz no Dia da Universidade, no momento em que se celebram pessoas, programas e estratégias, e quando se rememora o passado para olhar o futuro. A outorga de um grau doutoral é certamente o ato de maior comprometimento de uma instituição de ensino superior, no que nele se verte de responsabilidade face ao avanço de conhecimento, necessariamente original, de qualidade do ambiente intelectual de produção de conhecimento, de rigor dos instrumentos aplicados. O comprometimento da instituição exige responsabilidade e um compromisso de exigência e integridade ética na prática da ciência. Dou, por isso, aos novos doutores os parabéns institucionais, desejando a todos o maior sucesso.

Olhar a universidade como espaço de encontro é também, e por fim, olhar o presente como momento de ligação entre temporalidades, atores e projetos. Significa gizar o risco e o projeto do futuro sem amnésia; significa propiciar espaços transversais de diálogo entre pessoas, saberes, geografias, crenças e perspectivas, significa abolir fronteiras, e tornar a prática e a experiência do conhecimento num momento de co-criação, ousando o despojamento das certezas disciplinares, para se perceber o mundo na sua diversa complexidade. Ousar pensar que a ciência não é um ato singular, mas uma prática de questionamento, de abertura constante, ao que não compreendemos, ao que é diferente, um interrogar-se sobre a nossa própria identidade enquanto investigadores, e que vejo também simbolicamente representado na expressão singular da poetisa americana Emily Dickinson em 1880: "I'm nobody! Who are you? Are you nobody, too? Then there's a pair of us." Que este seja um ano de construção da ciência como encontro, de criação de conhecimento e diálogo entre verdadeiros pares !